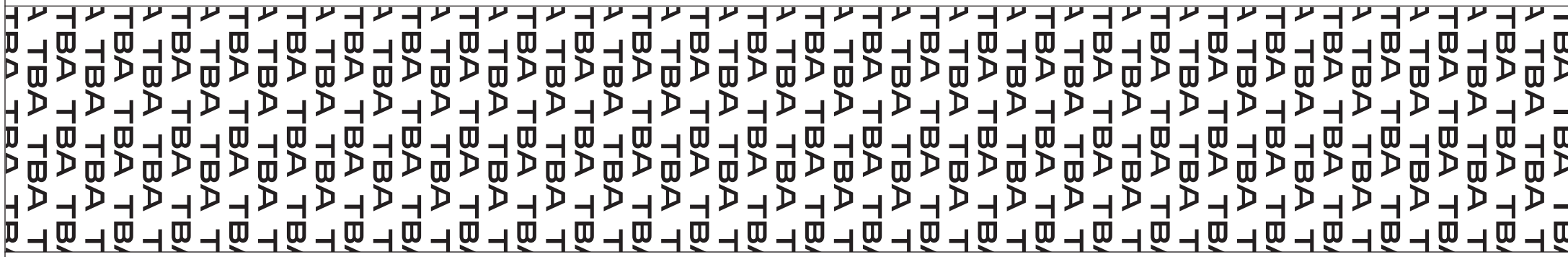
EGEAC

teatrodobairroalto.pt teatrodobairroalto.pt teatrodobairroalto.pt teatrodobairroalto.pt teatrodobairroalto.pt teatrodobairroalto.pt

TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TE

João Fiadeiro Carolina Campos e

17h30 e 21h30 Dança qui 27 fevereiro 2020 · 19h – sex 28 fevereiro 2020 · 21h30 – sáb 29 fevereiro 2020 · 17h30 e 21h30 Dança qui 27

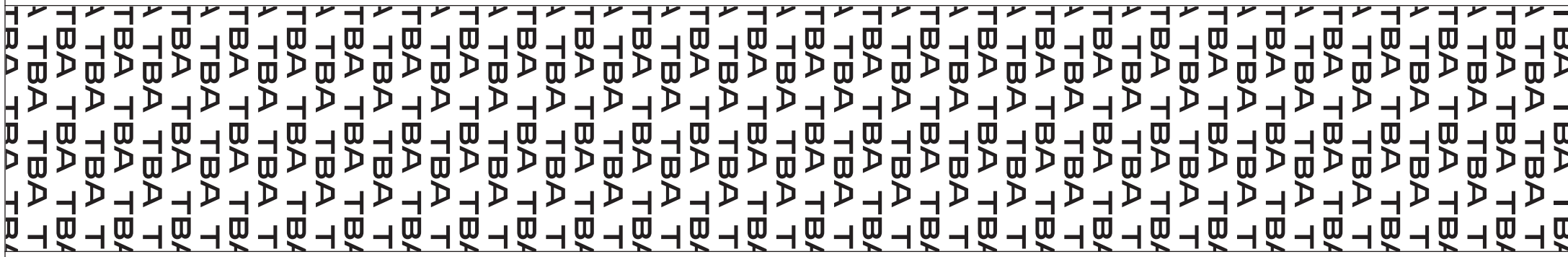


exploser Ça va exploser Ça va exploser Ça va exploser Ça

TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TBA TE

Carolina Campos e João Fiadeiro

17h30 e 21h30 Dança qui 27 fevereiro 2020 · 19h – sex 28 fevereiro 2020 · 21h30 – sáb 29 fevereiro 2020 · 17h30 e 21h30 Dança qui 27



exploser Ça va exploser Ça va exploser Ça va exploser Ça

Duração 60 min
M/6

Criação e interpretação
Carolina Campos
e João Fiadeiro

Dramaturgia
Leonardo Mouramateus

Desenho de Luz e Direção Técnica
Leticia Skrycky

Composição Sonora
Arnold Haberl

Assistente Artístico
Daniel Pizamiglio

Produção executiva
Marta Moreira

Coprodução
Teatro do Bairro Alto,
Teatro Viriato,
Festival DDD

Apoio
Fundação GDA

Agradecimentos
Estúdios Vítor Cordon,
Atelier Real, La Caldera,
Carine Panigaz,
Amelie Panigaz Borges,
Filipe Mello, Federal
Chancellery of Austria

Fotos promocionais
Ana Viotti

João Fiadeiro (1965) pertence à geração de artistas que surgiu no final dos anos 1980 em Portugal e deu origem à Nova Dança Portuguesa. O seu trabalho apresentou-se de forma extensiva pela Europa, América do Norte e América do Sul. As suas peças navegam entre disciplinas (performance, dança e teatro), contextos (teatros, museus ou *in situ*) e formatos (coreografias, eventos ou conferências). Entre 1990 e 2019, foi o diretor artístico do Atelier RE.AL, um espaço que desempenhou um papel chave no desenvolvimento de iniciativas ligadas à dança contemporânea e no diálogo entre arte, ciência e sociedade. Paralelamente ao seu trabalho como performer, coreógrafo ou diretor artístico, João Fiadeiro praticou intensamente *contact-improvisation* nos anos 1990, o que o levou a prosseguir e sistematizar sua própria pesquisa sobre improvisação sob a designação de Composição em Tempo Real. Esta pesquisa, que começou como uma ferramenta para apoiar suas próprias práticas criativas, tem sido usada por investigadores de arte e ciência (provenientes de campos tão diversos como antropologia, ciências complexas de sistemas ou economia), como uma plataforma teórico-prática para estudar a decisão, a criação ou a colaboração. Em 2017, publicou o *livro Anatomia de uma Decisão*, onde sintetizou sua investigação de Composição em Tempo Real. Em 2019 foi co-curador (com Romain Bigé) da exposição *Drafting Interior Techniques* na Culturgest, o primeiro olhar retrospetivo do trabalho e legado de Steve Paxton. João Fiadeiro é artista residente do teatro Viriato em Viseu para o quadriénio 2018-2021 e frequenta o doutoramento em Arte Contemporânea do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

Carolina Campos (Caxias do Sul, 1978, vive entre Lisboa e Barcelona). Licenciada em Comunicação e pós-graduada em Fotografia. Integra o Programa de Estudos Independentes do MACBA em Barcelona. Trabalha no campo da dança contemporânea investigando as relações entre corpo e imagem desde a criação de peças e a investigação de metodologias de colaboração.
Começou a trabalhar com dança no Brasil onde foi bailarina da Cia Municipal de Caxias do Sul (1998 - 2005) e da Lia Rodrigues Cia de Danças (2007 - 2011). Criou as peças ÇA VA EXPLOSER (2020), com João Fiadeiro (PT). NOME (2017) com Márcia Lança (PT) e PLAYA (2017) com Coletivo Qualquer (País Vasco / BR). No acompanhamento dramaturgico, ensaios e como performer colabora com artistas como João Fiadeiro, Vera Mantero, Sónia Baptista, Calixto Neto (BR / FR), Ivan Haidar (AR), Adaline Anobile (CH), Julian Pacómio / Angela Milano (ES / País Vasco), Julia Salen (PT/ BR) e Volmir Cordeiro (BR / FR).
Geralmente participa de residências coletivas para o desenvolvimento e investigação de metodologias e práticas artísticas como Metodologías Compartidas em Graner (Barcelona) com *Anotaciones para hacer-pensar-hacer* (2018) e Brut Nature em La Caldera (2019).
Desde 2012 colabora intensamente com Fiadeiro na formação e investigação da Composição em Tempo Real em workshops e laboratórios em diferentes contextos e países.
Está associada às estruturas VAGAR e Atelier Real (PT). Em Barcelona foi artista residente de La Caldera (2019) e é artista residente de La Escocesa (2020).

TBA TBA TBA TBA TBA TBA

João Fiadeiro

Dança · qui 27 fevereiro 2020 · 19h30 e 21h30

Ça va exploser

— Eu a fazer o que sempre faço… a “mecanizar” a coisa, a tentar clarificá-la, extraí-la da vida… E tu a fazer o que sempre fazes… dando-lhe vida, sujando-a, impedindo que se torne máquina.
— Talvez seja essa a história da nossa relação: eu a tentar viver a vida e tu a tentar viver com a morte.

Ça va exploser [Isto vai explodir] partiu das perguntas presentes no livro de fotografias, *Ma vie va changer* [A minha vida vai mudar]* de Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot. Entre elas: Qual o impacto das nossas vidas pessoais na macro escala do mundo? Que fio condutor liga uma decisão a nível mundial e um gesto íntimo de um casal? Embora vivamos lado a lado, será que habitamos o mesmo mundo? A mesma crise?

Mas talvez a principal marca que o livro deixou no trabalho tenha sido o vinco que separa as imagens. Vinco esse que significa “marca deixada por uma dobra”. Se houver um só gesto em *Ça va Exploser* será esse: o de duas pessoas que se acomodam nas dobras dos seus (des)encontros, ao mesmo tempo que habitam em descompasso, uma estrutura dramatúrgica composta por doses milimetricamente geridas de “não”, “talvez” e “sim”.

Na superfície tudo aparenta estar calmo… Os gestos acomodam-se no protocolo ficcional de uma relação e ocupam um espaço de intimidade construído. Nas brechas dessa ficção é onde o acontecimento se dá (se oferece). Que ideias utilizamos para pensar com outras ideias? Falamos a mesma língua? São tempos confusos. As coisas colidem, sobrepõem-se, atropelam-se. Aqui e ali sincronizam, partilham um plano comum. Mas parece que só o fazem para poderem confirmar a impossibilidade de continuidade. A iminência da explosão.

Este trabalho é o resultado da tecelagem fina que os performers foram fazendo da teia de (a)tenções de que é feito o “não saber juntos”, onde o suspeito do costume - o tempo - é o protagonista principal. Se formos bem-sucedidos será isso que os espectadores levarão para casa: uma mão cheia de tempo (em forma de potência, duração e memória).

* *Ma vie va changer* (Edições Ghost) coloca lado a lado fotografias extraídas de jornais coletados entre 2011 e 2013 - no auge da Primavera Árabe, da entrada da Troika em Portugal, ou do desastre nuclear no Japão - com fotografias do álbum da família Almeida-Guéniot, onde estão retratadas cenas do seu quotidiano em atividades banais do dia a dia.